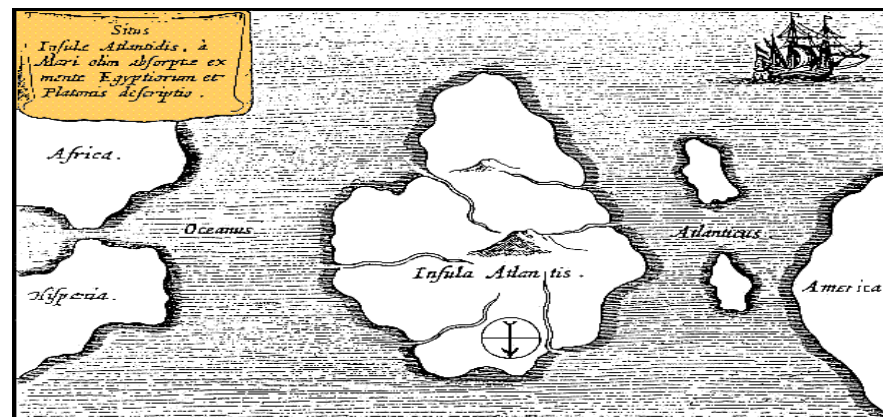


## CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

# REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

**CADERNO Nº # 32 - EDIÇÃO setembro 2016**

**DEDICADO A PEDRO PAULO CÂMARA**



**CADERNO Nº # 32 - EDIÇÃO setembro 2016**

**DEDICADO A PEDRO PAULO CÂMARA**

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>  
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-a%C3%A7orianos-suplementos.html>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © PEDRO PAULO CÂMARA

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

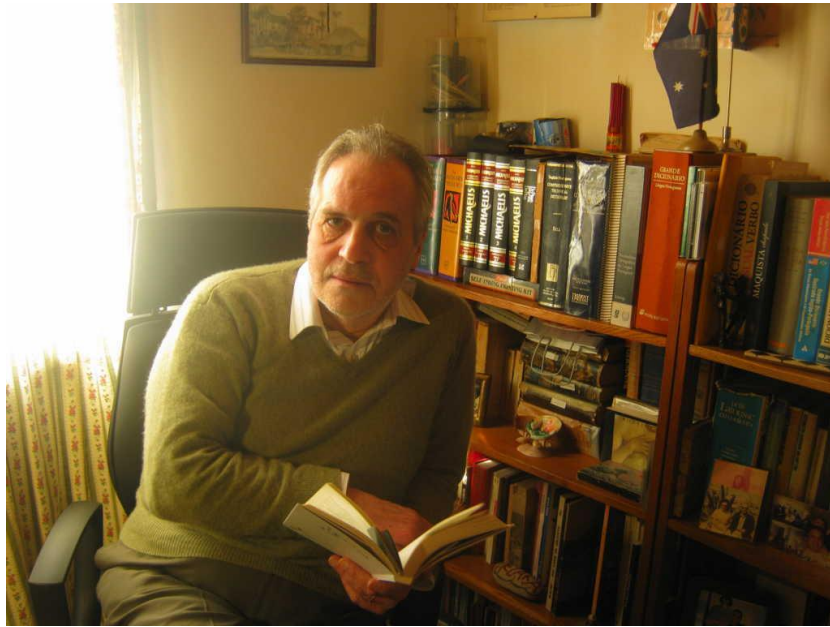


Editado por ©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

Revisto em janeiro de 22

**Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115**



**1. Nota introdutória do editor, Chrys Chrystello**

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores<sup>1</sup> e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês. Esses autores foram incluídos nos estudos de doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no nosso portal AICL (<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-a%C3%A7orianos-suplementos.html>) os Cadernos de Estudos Açorianos para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim,

abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf.

A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão bilingue (PT-EN) em 2011, na monolingue em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “9 ilhas, 9 escritoras”. Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu J. Almeida Pavão (1988)...“*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

<sup>1</sup> Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

A AICL entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiosincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados<sup>2</sup>», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “*CHRÓNICAÇORES* (vols. 1 e 2) *uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores*”, e o “*Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária*”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja

indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE em todas áreas do conhecimento. Dentre as literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, enquanto outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, e por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nestes CADERNOS que esperamos sirvam de auxílio aos currículos regionais e nacionais do ensino, e de complemento às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar, dada a escassez no mercado e nas próprias bibliotecas de obras da açorianidade, já se publicaram vários autores contemporâneos presentes ou homenageados nos nossos colóquios (nesta data vamos na 26ª edição) além de outros nomes incontornáveis.

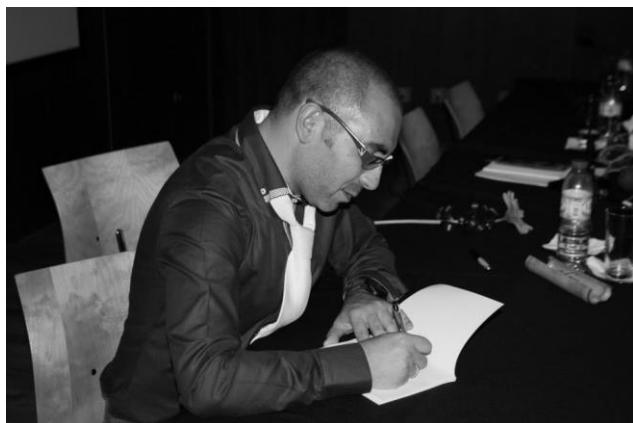
Sempre que possível pedimos aos autores vivos ajuda para coligar a seleção de textos:

1. Cristóvão de Aguiar,
2. Daniel de Sá,
3. Dias de Melo,
4. Vasco Pereira da Costa,
5. Álamo de Oliveira,
6. Caetano Valadão Serpa,
7. Fernando Aires,
8. Mário Machado Fraião,
9. Emanuel Félix,
10. Eduardo Bettencourt Pinto,
11. Urbano Bettencourt,
12. Eduíno de Jesus,
13. Onésimo T. Almeida,
14. Maria de Fátima Borges,

<sup>2</sup> Adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

15. Marcolino Candeias,
16. Norberto Ávila,
17. Victor Rui Soares,
18. José Martins Garcia,
19. CANCELADO pelo autor
20. Joana Félix,
21. José Nuno da Câmara Pereira,
22. Manuel Policarpo (Vasco Pereira da Costa),
23. Maria das Dores Beirão
24. Tomaz Borba Vieira,
25. Maria Luísa Soares
26. Susana Teles Margarido
27. Madalena San-Bento
28. Carlos Tomé
29. Brites Araújo
30. Maria Luísa Ribeiro
31. Carolina Cordeiro

CADERNO 32. Pedro Paulo Câmara



**Pedro Paulo Câmara** nasceu a 09 de agosto de 1980, na freguesia de Ginetes, filho de pais micaelenses.

A freguesia de referência acabaria por influenciar sobremaneira o seu gosto pelas artes e pelas letras, já que, desde cedo estaria em contacto com as mais variadas formas de expressão popular, desde cantigas populares, poesia, embaixadas, teatro amador e tantas outras formas de expressão, tão ricas na sua forma e conteúdo.

Durante o início da sua juventude, começaria a escrevinhar, influenciado talvez por uma inocência inerente a quem começa a ganhar consciência do meio que o circunda, os seus primeiros poemas.

Em 1998 viria a ingressar na Licenciatura<sup>3</sup> em Português-Inglês (ensino de) lecionado na Universidade dos Açores, sendo detentor do Curso de Especialização em Estudos Interculturais -Dinâmicas Insulares.

Após o estágio curricular integrado de Português-Inglês na Escola Domingos Rebelo, viria a ter a sua primeira experiência profissional, como formador na Escola Profissional da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada, como formador de Língua Estrangeira - Inglês. Entretanto, viria, ainda, a desempenhar alguns trabalhos de carácter esporádico, como por exemplo o de Tradutor e Assistente de Palco no *II International Clowns Festival*, ou, ainda, *Ateliers* de Inglês para Iniciantes e Português para Estrangeiros.

Em 2004, ingressaria na equipa de trabalho do ATL “Oficina de Cidadãos”, como professor, sendo que em 2007 viria a abraçar um novo projeto, do qual se viria a tornar coordenador, nomeadamente do Centro de Ocupação Circum-Escolar “Farol dos Sonhos”, na Casa do Povo de Feteiras, desenvolvendo várias atividades extracurriculares com os utentes, bem como atividades de índole social.

Para além da função de coordenador, é, ainda, formador de Português, de Cultura, Comunicação e Media; de Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação; de Linguagem e Comunicação e de Aprender com Autonomia na Escola Profissional APRODAZ e na Escola Profissional da Santa Casa da Misericórdia – MEP.

<sup>3</sup> (Pré-Bolonha)



## **AICL - Caderno de estudos açorianos nº 32 – PEDRO PAULO CÂMARA -**

No que diz respeito ao seu percurso literário, publicou, em 2011, a sua primeira obra de poesia, intitulada *Perfumes*, que reúne alguns poemas que foi escrevendo ao longo da juventude e primeiros anos de vida adulta.



(Lançamento do livro *Perfumes*)

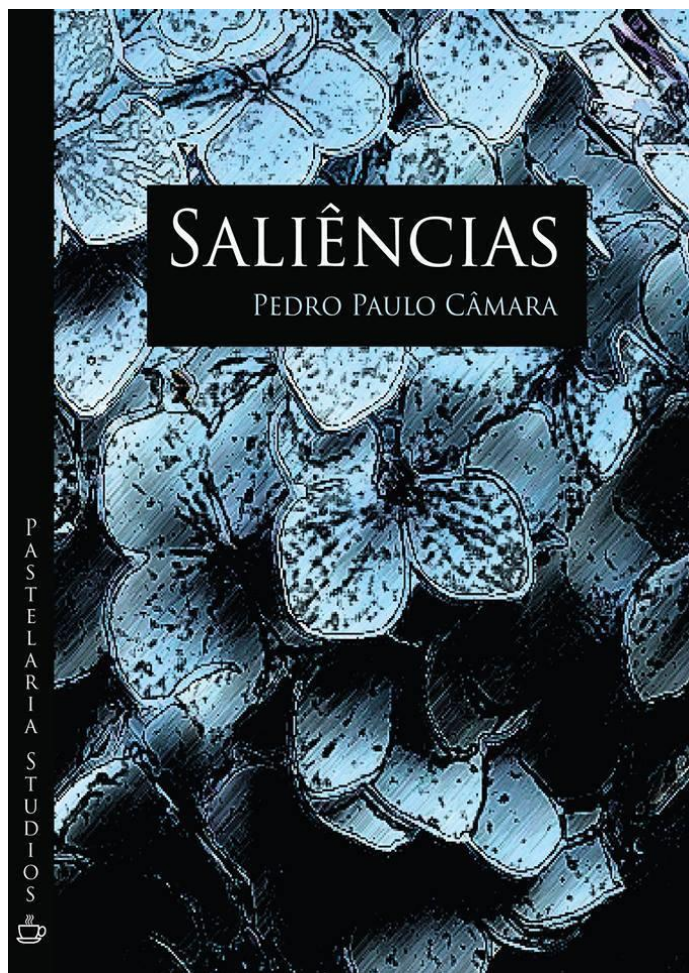


Após esta primeira aventura participou em alguns concursos literários, tendo vencido uma menção honrosa no Concurso Nacional “Jovem Criador Aveiro 2012”, com o conto “*Madrugadas*” e foi, ainda, Vencedor do Concurso Regional de Escrita “Descobrir Açores”, com o conto “Re(Descobrir) Açores” em 2013, tendo sido este promovido pela Miratecarts.

Desde então, tem participado em todas as edições do Azores Fringe Festival, como autor.



Seria também em 2013 que lançaria o seu segundo livro de poesia, intitulado “*Saliências*”, um trabalho já mais maduro e intimamente ligado e moldado pelas mais variadas influências insulares perçecionadas pelo sujeito lírico.

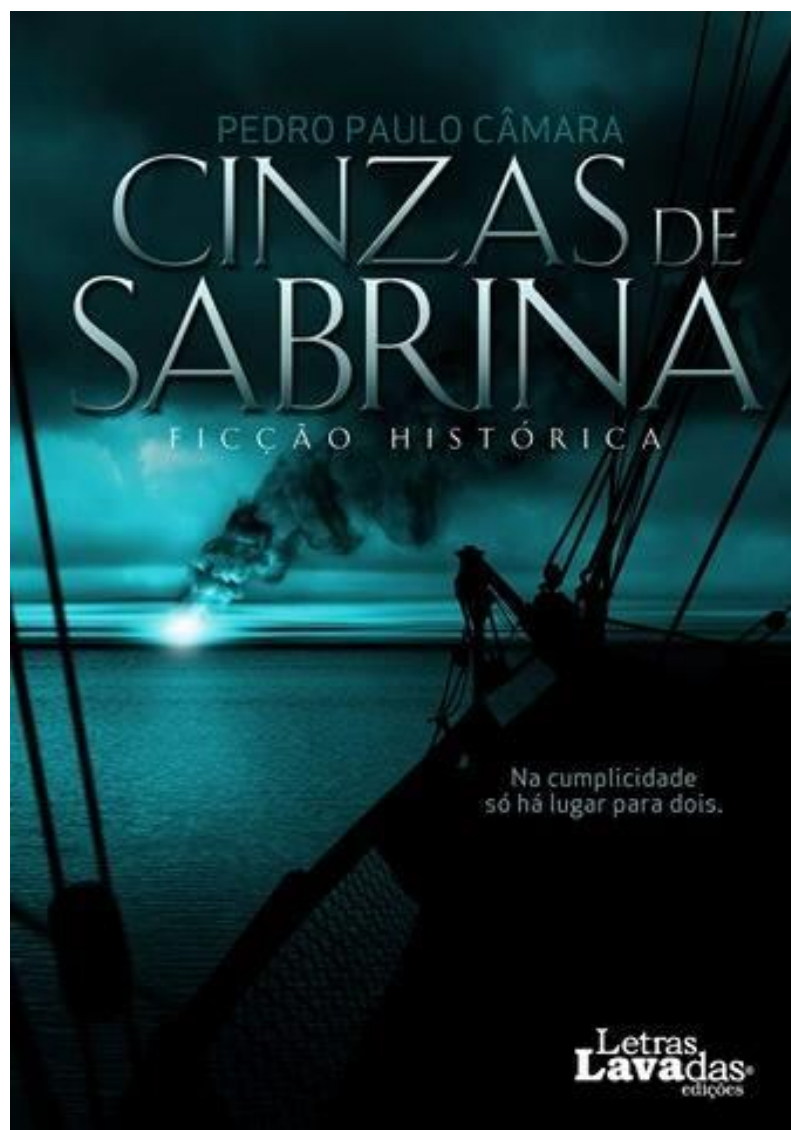


No decorrer dos últimos anos, tem sido convidado para várias palestras, em várias escolas, sobre poesia e literatura. Tem sido, ainda, convidado para vários eventos e saraus poéticos, para declamar poesia. Já colaborou, inclusive, com grupos e artistas regionais, nomeadamente a banda Passos Pesados.

Em 2014, viria a publicar o seu primeiro romance histórico, “*Cinzas de Sabrina*”, cuja ação decorre no século XIX, na Ilha de São Miguel. Seria também neste ano que seria convidado a participar na Coletânea *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, coletânea de originais de diversos autores cujas vendas revertem para suportar o projeto “A Poesia não tem grades”, uma iniciativa de intervenção artística em ambiente prisional, que se apoia no conceito de que a “literatura e a arte em geral [são] ferramentas de integração e desenvolvimento pessoal dos reclusos.







A ilha de Sabrina voltou a desaparecer

## Lançado amanhã

# Livro sobre a ilha que recusou a nacionalidade inglesa

Pedro Paulo Câmara, um poeta micalense emergente, com créditos que se firmam pelos trabalhos já publicados e alguns deles premiados, lança-se na área do romance com a obra *Cinzas de Sabrina*, numa alusão directa à ilha Sabrina, localizada no Banco D. João de Castro, entre São Miguel e Santa Maria.

Esta obra do poeta da freguesia dos Ginetes será apresentada por José de Almeida Mello, amanhã no Auditório da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e trata-se de um romance de ficção histórica, acerca da Sabrina, Ilha açoriana que recusou a nacionalidade inglesa.

De acordo com a sinopse daquela obra literária, corre o ano de 1811, em que na ilha, os dias arrastam-se iguais a si próprios até que uma nova erupção ao largo de São Miguel abala o quotidiano das gentes insulares e navegantes. A chegada da fragata inglesa HMS Sabrina, que patrulha os mares dos Açores enquanto a família real portuguesa está refugiada no Brasil, abalará, ainda mais, a pacatez da vida ilhéu, pois atraca repleta de intenções e apetites quase insaciáveis.

São Miguel é o palco que recebe esta intrigante ficção histórica. Magia negra, amores, ciúmes e segredos, mortes e desaparecimentos preenchem os recantos da ilha e farão o leitor envolver-se, sem retorno, numa história viva e intemporal.

Trata-se da memória de um povo, que o autor Pedro Câmara transpõe para a escrita, num romance com sabor ficcionado, que está a despertar curiosidade pelo intricado da descrição histórica que nem sempre é fácil relatar, sob pena dos atropelos de ficção se sobrepor aos factos históricos, constituindo uma autêntica homenagem à memória da sua terra natal e das gentes dos Ginetes.

Em termos históricos, a ilha Sabrina foi uma pequena ilha formada em Junho e Julho de 1811 por uma erupção vulcânica submarina que ocorreu ao largo da Ponta da Ferraria. A ilha foi primeiro abordada pelo capitão James Tillard, comandante do navio de guerra britânico HMS Sabrina, que lá hasteou a bandeira britânica e a reclamou como território de Sua Majestade Britânica. A ilha desapareceu no decurso daquele ano. Durante os meses de Janeiro e Fevereiro verificou-se uma prolongada crise sísmica que afectou as povoações sitas no extremo sudoeste de S. Miguel, com destaque para a freguesia dos Ginetes, terra do autor. Nesses meses verificou-se que haveria emissão de gases no mar, frente à Ponta da Ferraria, mas em final de Fevereiro, a actividade tinha cessado. APC



(Lançamento da obra Cinzas de Sabrina)

Em setembro de 2016 publica o seu mais recente livro de poesia, intitulado *Na Casa do Homem Sem Voz*, obra que reflete um determinado olhar próprio e atento, por parte de um sujeito lírico que, humanamente, almeja encontrar a simbiose entre o ser e o parecer, fruto da atenção incessante que dedica ao outro e a si; um sujeito lírico que reconhece, porém, a dificuldade em encontrar o equilíbrio; um sujeito lírico que procura apreender e compreender a sua dimensão social, o seu papel e a sociedade que o rodeia, quer em termos políticos quer comportamentais, mas também a sua dimensão pessoal, os seus sentimentos, os seus afetos, as suas dúvidas e parcas certezas.



Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*. Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.





Ao longo deste ano de 2016, faz parte, ainda, da lista de autores do VII Volume da *Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea Entre o Sono e o Sonho*, cuja apresentação decorrerá no mês de outubro.



Foi o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística Caderno de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte, em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.

Quanto aos colóquios da Lusofonia, participou pela primeira vez no 22º Colóquio em Seia, em 2014, e no 25º em Montalegre, em 2016, com a comunicação “*Voando com Armando Côrtes-Rodrigues em busca de um Nós*”, artigo que visava realçar o papel da Açorianidade, como identidade cultural e sociológica e abordar esta temática, como possível fator demarcante e distintivo da restante literatura nacional.

Participa, também, no 26º, com a comunicação “*Orpheu: o estranho caso de Violante de Cysneiros*”.

## 2. Bibliografia

- (2011) *Perfumes*, poesia, ed. WorldArtFriends  
(2012). *Madrugadas*, contos. Menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores  
(2013). *Saliências*. Ponta Delgada, Pastelaria Studios Ed.  
(2013). *ReDescobrir Açores*. Prémio Regional Descobrir Açores  
(2014). *Cinzas de Sabrina*. Ponta Delgada, Letras Lavadas  
(2016). “Voando com Armando Côrtes-Rodrigues em busca de um Nós”. 25º *Colóquio da Lusofonia*. Montalegre  
(2016). “Orpheu: O Estranho Caso de Violante de Cysneiros”. 26º *Colóquio da Lusofonia*. Lomba da Maia. Açores  
(2017) “Violante de Cysneiros: de Orpheu a Azulejos a viagem sem retorno”, 27º *Colóquio da Lusofonia*, Belmonte

### Atualização da bibliografia em

<https://www.lusofonias.net/5-bqa-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



22º Seia 2014



25º Montalegre 2016





MONTALEGRE 2016



MONTALEGRE 2016



25º Montalegre 2016



**1. Conto Madrugadas (excerto do conto vencedor de menção honrosa)**

...

Eu sabia que naquela manhã, naquela precisa preciosa manhã de abril, aquela que deveria ter sido igual a todas as outras manhãs de abril de todos os últimos cinco anos, eu não deveria ter aberto os olhos. Sabia que deveria ter esperado que a porta batesse, que as solas fustigassem o pavimento e que os sons se acalmassem na distância para que pudesse esticar os braços e o espírito. Eu tinha consciência que aquela conversa chegaria, um dia, mesmo que parecendo rastilho de pólvora que no decorrer dos dias se agigantava. Eu conseguia antever, em cada jantar, a artilharia aprontar-se resoluto do outro lado da mesa, na berma do meu prato quase cheio.

Lá fora chovia, como já não acontecia há meses. A minha mãe tinha-me ensinado a não ser supersticioso, tinha-me ensinado a ignorar possíveis presságios ou irrisórias profecias. Quando ele morreu, eu tinha três anos. As vizinhas diziam, entre duas rezas e três sinais solenes da santa cruz, que, como tinha partido de olhos abertos, tinha assuntos irresolvidos e que haveria de voltar. Eu não poderia crescer assim tão crédulo, ou o fardo seria pesado demais. Outros fardos nasceram, porém. E talvez mais ardilosos.

Se não fosse essa educação feminina firme, teria pensado que o dia tempestuoso era um agouro, uma mensagem dos Infernos datilografada a pingos de chuva baça. Até ironizei a situação e comentei cá para as profundezas de mim que só faltaria, naquele quadro, o mocho semidepenado, de olhar caricato e vaticinoso, plantado em cima de um velho cipreste, piando. Como menino bem-educado que sempre fui, ignorei o que poderia ter sido uma missiva da mãe natureza, que tão bem me conhece, ordenando-me que estivesse mudo nos meus lençóis. E não me contive.

- Já acordaste?
- Não vês?
- Vejo, claro!
- Então porque perguntas? És parvo?

- Não tenho culpa que já acordes com o mau humor a tocar à campainha. Por favor, anima-te! Não vale a pena estares assim. Aposto que, se te espreguiçares, sentir-te-ás melhor, muito melhor. Hoje podemos ir passear.

A minha sugestão nasceu do mesmo ventre que todas as outras sugestões. Não trazia consigo interesses secundários, nem intenções ocultas, nem recados subliminares. Vinha sozinha, inocente, de mãos nos bolsos, repleta de boa vontade e iniciativa. É óbvio que não sobreviveu às foices de severa colheita.

[...]





MONTALEGRE 2016

**2. Conto Re(Descobrir) Açores (excerto do conto vencedor do concurso regional DescobrirAçores)**

Passaram dez anos de puro silêncio.

Lá de cima, a ilha apresentava-se exatamente, melancolicamente, tragicamente igual. Pela janela, sob a asa, avistava o mar que devorava a rocha, a espuma que devorava a onda, a areia que devorava a terra, o verde que devorava o azul e moinhos de vento abandonados que enfeitavam montes. Vi o meu rosto espelhado nas águas das lagoas amareladas, vi velhos desejos aninhados como tímidos prematuros fetos nas crateras de vulcões, vi paredes que já pintei e tetos que me acolheram em noites de luzidia felicidade e dias de negra mágoa dolente.

Trazia comigo uma mala cheia de trapos inúteis e um dedo anelar que morrera solteiro. Condenei-o. Talvez seja tempo de colocar a maquilhagem no fundo do saco e recriar um velho Mateus, um velho sorriso e uma ingénua faúlha de esperança moribunda. Talvez... Há precisamente dez anos, arranquei das minhas narinas o perfume que a ilha emanava com as garras de uma penitência autoinfligida. Talvez fosse a hora de inspirar fundo e deixar que me invadissem, todos. Talvez seja este o dia, o local, o tempo certo. Talvez...

Eu jurara que não voltaria. Ignorei as lágrimas silenciosas que se espriavam no rosto, fingi desconhecer o porquê de lábios salgados cerrados e menti. Menti com todas as forças que me habitavam e com todas as palavras que conhecia. Para o Diabo se eu ficasse nesta ilha a remar contra a maré. Criei a minha própria maré, construí as minhas próprias asas, mesmo que à custa das penas de outros.

A verdade é que, se fosse hoje, não teria partido, não teria mentido, não teria provocado lágrimas mudas.

O avião vinha quase cheio.

[...]

Estou em casa!

Cheguei!



25º colóquio Montalegre 2016

**3. Poemas do livro: Perfumes**

Naquela Noite  
Fui criança deitada em teu berço de boas vindas  
Recebida por lençóis tecidos de sorrisos acolhedores.  
Saboreei as parcas migalhas que haviam deixado de ti.  
Comilhões! Os Outros!

Naquela Noite  
Entreguei-me! Fui seara embalada  
Pelo som da tua música declamada.  
Deixei que o sonho me contagiasse, abraçasse,  
Devorasse! Eu....

Naquela Noite  
Fui batel deleitado, abalroado pelo poder do teu discurso.  
Pôs-se o sol e com ele o Tempo.  
Fugi qual conto de fadas.  
Não perdi sapato, mas algo maior: Tu!

\*

Ergue-te e luta  
Levanta o olhar e atropela a tristeza  
Ejacula dentro do meu coração  
O dom da tua presença.

Confia, persiste, labuta,  
Contagia o espaço com o reflexo da tua pureza  
Regurgita gemendo cada sensitiva emoção  
Num bailado sincronizado que implica a fecunda nascença

de um ardido-ardente rio de lava de amor.

\*

Alma bipartida, tripartida, esquartejada.  
Lágrima que se deita na gravidade do rosto.  
Uivo de solidão que se ergue na noite.

Minha bolha de sabão que rebentou  
Soprada por Zéfiros zangados.  
Fugiste para sempre, eternamente, de mim.  
Ai, Amor, meu privado, provado Adamastor.  
Minha lágrima de sangue.  
Meu Santo das Causas Perdidas,  
Esquecidas,  
Magoadas.  
Liberta-me da agrura da mordaza do silêncio  
E deixa-me gritar:  
Regressa!



MONTALEGRE 2016

**4. Poemas do livro: Saliências**

*O delírio escorre nas veias do mundo  
Corrompe-lhe as entranhas e fortifica-lhes os vícios  
Em coma, em sono profundo,  
Fugindo a Deus e seus desígnios,*



**AICL - Caderno de estudos açorianos nº 32 – PEDRO PAULO CÂMARA -**

Jazem cérebros padronizados.

A loucura é fuga, é escape  
É túnel; janela; estrada; saída;  
Único sinal de vivacidade  
Numa aldeia global adormecida  
Preenchem-na corações empedernidos.

Somos a sociedade da loucura  
Do stresse; dos vícios; das mágoas  
De uma há muito esquecida ternura  
Imersa nas tempestuosas águas  
De mares já antes navegados.

Somos o que somos... jamais seremos quem queremos.



MONTALEGRE 2016



SEIA 2014



SEIA 2014



SEIA 2014



SEIA 2014



**5. Estende-se o xaile negro do pranto sobre o salgado.**

Nos campos os badalos lembram que a vida existe.  
E o relógio da Matriz já não funciona.  
Um lenço desbotado por lágrimas jaz prostrado  
No estendal triste que ulula com o sopro de outono.  
O chão tristezas pingadas colecciona.

O nome? Esquecido é porque morto na memória se alojou  
Votado ao abandono pela firmeza da distância vencedora.  
E nada mais se diz. E nada mais se faz.  
O grito do cagarro ecoou na noite, violento, e ressuscitou  
O pranto chorado, gemido, e a dor enegrecida, devoradora.  
Só o tempo pode! Só o tempo é capaz!





SEIA 2014



SEIA 2014

## **6. Camaleões**

Prostram-se, recostados a altas alvas paredes.  
Debatem na toca do seu ser possibilidades.  
Fitam-nos.

Reparam com desconfiança no meu sentir.  
Comentam quase em silêncio o meu agir.

Camaleões  
Sorriem entre dentes não brancos e omitem segredos  
Calam-se na vírgula antes que revelem verdades.  
Fitam-nos.

Atiram pedras com telhados de vidro não assumidos.  
Escusam-se a nomear, apontando corajosamente atrevidos.

Camaleões.  
Fingem o que não são. Não são o que fingem.  
Camaleões:  
Um dia cansam-se de mudar de cor.



MONTALEGRE 2016



**7. Participação Revista A Chama – Folhas Poéticas**

**Orquestras.** Orquestras invadem os salões dos meus pesares  
os recantos bolorentos dos meus dias  
os meus luscos-fuscos  
e a calma, no bailado inquieto das notas se desvanece  
pingo a pingo  
na cadência, na ausência, na tua ausência.

Em ciclónicos rodopios ergue-se sustenido um primeiro violino  
No arranhar ainda aromatizado de cada resgatada corda.  
Espraia-se pelos salões versos lábios selados,  
harmónicos dedos estilhaçados,  
vincados pelas pressões de mil milenares desculpas.  
Repoteiros, pesados, aveludados, descansam suspensos e mudos  
enquanto neles se entranha cada insondada vibração.  
E orquestras. Barulhentas invasoras orquestras

acordam os olhos com elásticos esticados azuis que retiram retinas  
e cegam. Ensurdecem o homem sem língua.



MONTALEGRE 2016

**8. Quando? Oh, quando...**

**Quando** as palavras-lar não são suficientes  
cheira a perda irreversível eminente; a flor que rapidamente seca sob o  
calor das tensões  
e se esfumaça no conta-gotas das neblinas agourentas.  
Quando as palavras escapam cabisbaixas por entre frios magros dentes  
sabe a rubro descontentado desamor sugado pelo ondular marulhado de  
cápidas emoções,  
no quarto negro estreito que se afunila com os recortes de pelejas  
sangrentas.

Quando? Oh, quando...

Quando as palavras navegam em vilipendiada jangada sem remos, sem  
vela, sem leme,  
sem redes de pesca que possam angariar provisório sustento  
amaciador de qualquer fome, em qualquer Cabo Bojador...  
quando o som se suicida no fundo de um pensamento e o seu  
desembainhado grito treme,  
a locução assassina o seu forçoso papel e o verbo ultraja o seu intento,  
os passos caminham vedados para o vórtice devorador.

Adquire importância a vogal temática na sua ausência.  
Adquire significado o afeto na sua inexistência.

Quando as palavras já não bastarem o que procurarão?  
Quando as palavras não brotarem saciadoras,  
Nas noites calmas dos nossos varandins, teremos morrido.

Insignes fomos, dominadores de outrora insignes palavras.



SEIA 2014



MONTALEGRE 2016



MONTALEGRE 2016

#### **9. Participação na Coletânea O Lado de Dentro do Lado de Dentro**

De castanheiro a ouriço empertigado,  
Ou resignado,  
Che Guevara mudo, Viriato desnudo,  
Castanha podre em meu corpo.  
Nem mar, nem madrugada,  
Nem fonte jovem que aconteça, ou jorre.  
Verdade morta, violada. Vago porto, fraco fogo,  
Última tocha sagrada  
Nesta caverna, nesta praia que morre.

\*

Sou uma mescla do que podia, devia, ser:  
O produto de todos os outros que me habitaram.  
Nunca fui mono, uno, um.  
Sons, marchas por demais acompanhadas, em pequeno os velhos, os  
novos, e aquela voz  
os irmãos, os amigos, os vizinhos, anónimos, os pares.  
Criei-me: nos amores, nos desamores.

**AICL - Caderno de estudos açorianos nº 32 – PEDRO PAULO CÂMARA -**

Hoje os meus fiéis cacos.

Concentrei as minhas direções decididas na miragem do que podia, devia,  
ter;

fundeei o navio dos meus sucessos em naus que outros navegaram.

Enche-te, meu sustento, minha garrafa de rum!

Rendi-me findos os anos. Perdi-me, levado nas garras de faminto albatroz  
sem asas, mas com horas, sem bico, mas com leis, sem penas, mas com  
calcanhares...

...de Aquiles, trespassados, urdidos da batalha e das dores,  
valas comuns a céu aberto de perdidos e de fracos.

Fidalguias ultrapassadas nas portas escancaradas que acolhem vultos,  
hábitos velhos que a idade não devora.

Preso nesta cadeira gasta que recebeu todos os íntimos suspiros,

Reconheço que nunca fui propriamente meu.

Consumem-me moços, adultos, calmas sobre zelosas e tumultos,  
cada qual com sua boca, sem talheres, ávidos, sem demora.

A consciência desce como aracnídeo dos confins dos seus retiros

E esbofeteia os pós de inconformado ser que cedo se perdeu.



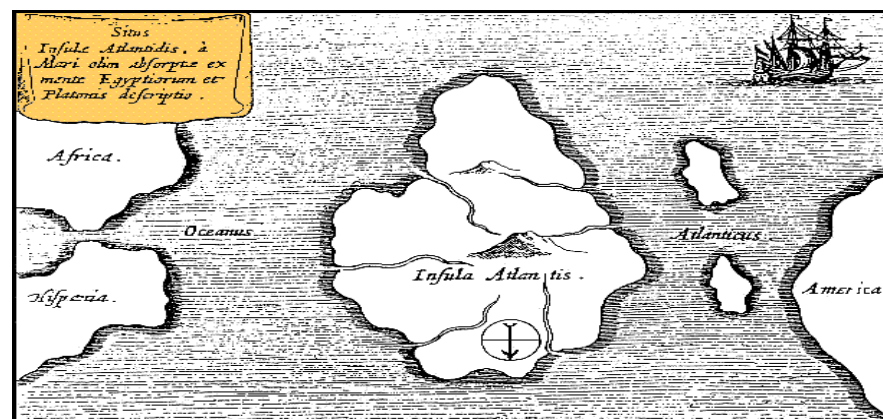


## CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

# REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 32 - EDIÇÃO setembro 2016

DEDICADO A PEDRO PAULO CÂMARA



CADERNO Nº # 32 - EDIÇÃO setembro 2016

DEDICADO A PEDRO PAULO CÂMARA

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>  
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-a%C3%A7orianos-suplementos.html>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © PEDRO PAULO CÂMARA

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

Revisto em janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115